



“AMOR”, ENTRE CLARICE E ŽIŽEK: UMA ANÁLISE A PARTIR DO MATERIALISMO LACANIANO

Thays Pretti de Sousa¹; Marisa Corrêa Silva²

RESUMO: O materialismo lacaniano, inicialmente ligado à filosofia política, tem gradualmente expandido seus limites, alcançando agora a área dos estudos culturais, tornando-se uma forte alternativa para a análise literária. Trata-se de um pensamento humanístico que, porém, critica as limitações do marxismo tradicional, acrescentando, ainda, a importância de ler os textos literários a partir do conceito de Inconsciente, o qual se estrutura como uma linguagem. Os principais pensadores dessa corrente são Slavoj Žižek e Alan Badiou e, aqui, usamos principalmente os conceitos do primeiro para analisar o conto “Amor” de Clarice Lispector, enfocando especificamente a possibilidade de se relacionar a fábula do conto a uma representação do encontro com o traumático Real Lacaniano. Para tanto, analisamos a estrutura e conteúdo do conto em questão em busca de indícios que possam ser relacionados ao rompimento ou instabilidade da estrutura simbólica e entrada no Real. Percebemos que a própria estrutura do conto dá margem a essa interpretação, sendo construído em três partes distintas, equivalentes ao equilíbrio simbólico, desestruturação pelo contato com o Real, e reestruturação necessária da ordem simbólica.

PALAVRAS-CHAVE: Amor; Clarice Lispector; Crítica Literária; Materialismo Lacaniano; Slavoj Žižek.

1 INTRODUÇÃO

Clarice Lispector (1920-1977) é uma escritora indubitavelmente consagrada. Seus escritos já foram analisados pelos mais diversos pontos de vista e, entretanto, sobre ela continua pairando uma aura de mistério que parece nunca deixar compreender a forma como essa autora via e entendia o mundo. Hermética e misteriosa, sua obra continua sendo “uma experiência, no limite, indecifrável” (ROSENBAUM, 2002, p.08). Essa resistência à explicação também já foi considerada por Bosi, que dá à autora a posição de “fonte inesgotável de estudos” (BOSI, 2006, p.424). Essas seriam justificativas para o grande número de artigos, ensaios e teses sobre a obra da autora, cuja produção literária sempre resistiu “a todas as tentativas de enquadramentos, classificações ou definições” (ROSENBAUM, 2002, p.08).

Nosso interesse por Clarice Lispector nesta pesquisa decorre da percepção dessa multiplicidade de significados de sua obra. Buscamos, assim, encontrar algum sentido que ainda não tenha sido posto, e, para tanto, aplicaremos os pressupostos da obra filosófica de Slavoj Žižek, estudioso de Lacan, a um de seus contos, “Amor”, do livro “Laços de Família”, de 1960, enfocando principalmente o fenômeno epifânico presente no mesmo.

¹ Mestranda em Estudos Literários (bolsista CAPES) pela Universidade Estadual de Maringá, Maringá – PR. E-mail: thayspretti@gmail.com

² Pós-Doutora, docente no programa de Mestrado em Estudos Literários da Universidade Estadual de Maringá, Maringá – PR. E-mail: mcsilva5@uem.br

Para abordarmos as considerações de Žižek, é interessante que primeiramente falemos sobre o Materialismo Lacaniano, corrente nascida a partir dos trabalhos de pensadores como Slavoj Žižek (1949-) e Alain Badiou (1937-). É uma corrente ainda não tão explorada, especialmente em Literatura e, segundo Silva (2009, p. 211), “inicialmente ligada à filosofia política”. Sua ideia fundamental é a crítica ao pensamento marxista tradicional, com posterior enriquecimento do mesmo com conceitos do psicanalista francês Jacques Lacan (1901-1981), cujo objetivo inicial era o de retomar os conceitos freudianos. Segundo Silva (2009, p. 212), essa aplicação dos conceitos lacanianos resgata o subjetivo para o social, retomando, assim, de um novo modo, as propostas tradicionais de esquerda, “de buscar um humanismo possível, de defender os grupos sociais e a humanidade da lógica do Capitalismo” (SILVA, 2009, p. 212).

Desse modo, apesar do uso de ideias da Psicanálise, o materialismo lacaniano não se propõe a “psicanalisar” seu objeto de estudo, nem pretende permanecer vinculado apenas à filosofia política. Žižek levou o materialismo lacaniano para além desse campo, aplicando-o aos Estudos Culturais e a questões contemporâneas, que envolvem, por exemplo, desde o atentado de 11 de Setembro a filmes de Hitchcock, entre outras questões (SILVA, 2009, p. 212), percebendo o que elas “escondem” em suas estruturas mais íntimas. Além disso, Neves esclarece que Žižek se propõe analisar a cultura de massa do mesmo modo como Lévi-Strauss se propõe a analisar os mitos, ou seja, desconstruindo o que parece óbvio e mostrando a possibilidade de outras relações e interpretações (NEVES, 2005, p. 29). Para isso, segundo Neves, deve-se realizar “uma análise estrutural e ao mesmo tempo dialética entre a forma e o conteúdo” (2005, p. 29)

Em relação à aplicação do materialismo lacaniano à literatura, Silva (2009, p. 212) nos informa da bem sucedida empreitada de Phillip Rothwell em *A Canon of Empty Fathers*, no qual o pesquisador revisita a Literatura Portuguesa. Temos ainda *O Percurso do Outro ao Mesmo: sagrado e profano em Saramago e em Helder Macedo* (2010), de autoria de Marisa Corrêa Silva, que utiliza conceitos de Lacan, Badiou e Žižek para esclarecer sobre o sagrado e profano em dois livros de cada autor citado no título da obra.

A escolha pela análise do conto enfocando-o como representação do encontro com o Real lacaniano é inspirado pela sugestão de Silva (2009, p. 215), quando afirma que, se considerarmos o fenômeno epifânico pelo qual passam muitas das personagens de Clarice Lispector como encontros com o Real lacaniano, há muito mais sentido no fato de essas personagens fugirem dessa experiência como por demais intensa e dolorosa, de modo que

recusam essa experiência porque é isso que qualquer ser humano faz, se colocado nas mesmas circunstâncias. O encontro com o Real é assustador, impossível de ser descrito em palavras, traumático, uma vez que o ser humano é incapaz de apreendê-lo (SILVA, 2009, p. 215).

Dessa forma, a epifania em “Amor” não seria um simples enlevo, uma simples revelação, e sim a revelação de algo intenso e doloroso, o Real, como aquilo que foge à simbolização é à compreensão tradicional. Assim, a necessidade das personagens de retorno à realidade seria uma “tentativa de ressimbolizar a experiência, arrastando-a, por meio da palavra, para o domínio conhecido e seguro do Simbólico” (SILVA, 2009, p. 215), uma forma de “cicatrizando um trauma”.

Assim, de forma concisa, o objetivo deste trabalho é analisar o conto “Amor”, de Clarice Lispector, com o aparato teórico oferecido por Slavoj Žižek.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Esta é uma pesquisa bibliográfica que busca analisar um texto literário a partir de uma teoria crítica. Para tanto, foram realizadas leituras tanto do texto literário escolhido quanto de textos teóricos pertinentes ao enfoque do trabalho. Assim, o material utilizado para que este trabalho fosse possível consiste do *corpus* literário escolhido – um conto – e da teoria aplicada. O conto em questão, “Amor”, narra a história de Ana, uma dona de casa “comum”, que cuida da casa, do marido e das crianças. Na primeira parte do conto, percebe-se a existência de algumas reminiscências relacionadas a uma vida anterior àquela, sua “juventude anterior” (LISPECTOR, 1998, p. 20), mas há um grande esforço por parte de Ana para deixar esse tempo anterior “abafado”. Para isso, precisa “tomar cuidado na hora perigosa da tarde” (Idem, 1998, p. 20), que era quando podia irromper algo desse passado para o presente. Para evitar isso, Ana se ocupava de diversas tarefas, a despeito de a casa já estar arrumada. Em um dia que vai às compras, porém, a visão de um homem cego acaba levando-a a um estado epifânico ou de revelação que a atordoa, de modo a perder o ponto onde deveria descer do bonde. Tendo que voltar a pé, fica durante um tempo no Jardim Botânico, onde sua sensibilidade aflorada pela visão do cego pode agir mais livremente. Volta para o apartamento ainda afetada com o acontecimento, mas aos poucos vai “esquecendo” o ocorrido, até que, no fim, dá a entender que todo aquele arrebatamento passou e sua vida continuará normalmente no dia seguinte.

Em relação à teoria aplicada, alguns esclarecimentos são fundamentais para a compreensão da pesquisa realizada. Um deles é a definição dada por Žižek, a partir de seus estudos sobre Lacan, a respeito dos três estádios que, juntos, formam a realidade tal como cada um de nós percebemos. São eles o Simbólico, o Imaginário e o Real, e Žižek os representa usando como exemplo o xadrez. Assim, o Imaginário corresponderia a forma que cada peça tem e os nomes que lhes são dados, como uma relação entre significado e significante sem implicações ideológicas. As regras que se segue no jogo, bem como as funções desempenhadas por cada peça a partir de ser o que é correspondem ao Simbólico. O que resta, o Real, corresponde a “toda a série complexa de circunstâncias contingentes que afetam o curso do jogo: a inteligência dos jogadores, os acontecimentos imprevisíveis que podem confundir um jogador ou encerrar imediatamente o jogo.” (ŽIŽEK, 2010, p.16-7)

Ainda a respeito do Real – que é o que fundamentalmente nos importa nessa pesquisa – é importante que fique claro que o ele não é “uma espécie de núcleo duro – a realidade verdadeira, em oposição a nossas meras ficções simbólicas” (ŽIŽEK, 2006, p. 99) nem um “tipo de natureza bruta que seja posteriormente simbolizada. Simboliza-se a natureza, mas, para simbolizar a natureza, produz-se, nessa própria simbolização, um excesso ou uma falta, assimetricamente: e isso é o Real” (Idem, 2006, p. 99). Ou seja, se falamos da epifania como um “retorno do Real”, ou um “contato com o Real”, isso não quer dizer que estejamos tratando de uma coisa concreta que escape das lacunas da simbolização e nos alcance, mas, sim, da percepção da existência dessas lacunas, que, por não ser passível de simbolização, acaba apresentando-se como traumática. Žižek esclarece esse ponto quando diz que

se o que experimentamos como ‘realidade’ é estruturado pela fantasia, e se a fantasia serve como o crivo que nos protege, impedindo que sejamos diretamente esmagados pelo real cru, então a própria realidade pode funcionar como uma fuga de um encontro com o real. (2010, p. 73)

Entendendo-se a fantasia como a impressão da não existência de lacunas na estrutura simbólica, a compreensão do que dissemos anteriormente fica bastante clara. No caso da epifania das personagens de Lispector, retorna-se para a realidade para fugir do encontro com o Real citado por Žižek.

O conto foi analisado em sua estrutura e conteúdo, e foi aplicada em sua interpretação a teoria escolhida, especialmente o enfoque então apresentado.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na análise de “Amor”, o que primeiro pudemos perceber é como podemos dividir o conto em três partes claramente distintas. A primeira parte equivale à viagem de bonde; a segunda, à estadia no Jardim Botânico e, a terceira, ao retorno ao lar. Na primeira parte podemos notar diversas intermitências, informações reticentes e reminiscências de algum momento anterior ao momento no qual a narrativa se desenvolve. Também há uma grande tentativa de que as coisas se mantenham no atual estado de equilíbrio, o que percebemos em diversas frases bastante conformistas, como, por exemplo, “assim ela o quisera e escolhera” (LISPECTOR, 1998, p. 20 e p. 21), que aparece duas vezes, no final de dois parágrafos seguidos, e o comportamento de Ana de “tomar cuidado na hora perigosa da tarde” (LISPECTOR, 1998, p. 20) e de, mesmo quando terminava todas suas tarefas, buscar outras atividades para fazer, a fim de se ocupar. Podemos ver nessa situação o que Žižek chama de falsa atividade: isso basicamente quer dizer que algumas ações humanas não são realmente ações com vistas a um objetivo, mas sim uma ação para “impedir que alguma coisa aconteça, de modo que nada venha a mudar” (ŽIŽEK, 2010, p. 36). Além disso, o conformismo de Ana e a insistência em afirmar que aquela era a vida que ela havia escolhido nos leva a outro ponto trabalhado por Žižek, que diz respeito ao fato de que “o pertencimento a uma sociedade envolve um ponto paradoxal em que cada um de nós é obrigado a abraçar livremente, como resultado de nossa escolha, o que de todo modo nos é imposto” (Idem, 2010, p. 21). Todos esses elementos fazem com que a primeira parte do conto seja a representação de um momento extremado de tensão, que a todo momento ameaça ruir, e que é levado abaixo quando Ana vê o cego. A situação em que ela o vê unida a sua própria tensão íntima faz com que aquele momento revele a Ana – mesmo que ela não formule isso em palavras – a existência de rupturas na rede simbólica, impossibilidades, bloqueios. Podemos chegar a isso quando o narrador do conto questiona “o que havia mais que fizesse Ana se aprumar em desconfiança? Alguma coisa intranquã estava sucedendo” e também quando diz que “a rede perdera o sentido”. Qual rede? – podemos perguntar – A rede de compras, ou a rede simbólica?

Estruturalmente, esse encontro com o cego também marca uma lacuna textual, que corresponde à segunda parte no conto, que transcorre no Jardim Botânico. Podemos chamá-lo de lacuna tanto pelo fato de estabelecer um cenário totalmente diverso do cenário urbano que temos nas duas outras partes do conto – bonde, apartamento, como também pelo fato de desaparecerem as reminiscências e bloqueios constantes na primeira parte do texto, sendo substituídos por uma profusão de metáforas e imagens naturais cujas adjetivações são repletas de elementos contraditórios e desordenados, como ser fascinante e gerar nojo, a decomposição das plantas ser profunda e perfumada. (LISPECTOR, 1998, p. 25). Ela ainda faz referência à crueza do mundo, refere-se à morte, diz que “o mundo era tão rico que apodrecia” e que “o Jardim era tão bonito que ela teve medo do Inferno” (LISPECTOR, 1998, p.25). A riqueza citada no texto também existe nessa segunda parte do conto, nas estonteantes descrições do Jardim Botânico, que lembram mais uma selva, uma mata virgem do que um Jardim no meio de uma cidade.

O processo de passagem para a terceira parte do conto, quando ela volta para o apartamento, janta e vai dormir, é gradual, uma vez que ela tem que ressimbolizar toda a situação anterior, ou seja, reestruturar a fantasia de que a estrutura simbólica não possui lacunas, o que é necessário para que se consiga viver normalmente, uma vez que em razão do caráter traumático e excessivo do real “não somos capazes de integrá-lo na

nossa realidade (no que sentimos como tal), e, portanto, somos forçados a senti-lo como um pesadelo fantástico” (ŽIŽEK , 2003, p. 33). A estrutura textual do conto segue o mesmo processo, deixando pouco a pouco as imagens contraditórias e metafóricas para trás e voltando para uma linguagem e ritmo mais tranquilos e diretos, até que Ana, “antes de se deitar, como se apagassem uma vela, soprou a pequena flama do dia” (LISPECTOR, 1998, p.29), terminando o processo de ressimbolização. Temos aqui, tanto em forma quanto em conteúdo, um processo de equilíbrio simbólico (ainda que frágil, muito possivelmente retratando a própria posição instável da mulher na década de 60 – de quando é o conto), que é desestruturado pelo Real, o qual emerge a partir de um fato que não foi bem simbolizado pela personagem, e a “sutura” desse “rasgo”, desenvolvida no último trecho, com o retorno da personagem ao lar – o que simbolicamente pode representar o retorno à ordem simbólica inicial.

4 CONCLUSÃO

A partir da aplicação teórica realizada, pudemos mostrar brevemente o quanto forma e estrutura dialogam de modo a desenvolver a ideia da narrativa. Pudemos também notar que esta relação dialética entre a forma e o conteúdo auxilia na construção da fantasia do conto de modo a sermos levados pelos acontecimentos que envolvem a personagem. Além disso, pudemos notar que, ainda que a aplicação do Materialismo Lacaniano em Literatura seja recente, ele é válido e bastante profícuo, gerando interpretações interessantes para a Crítica Literária. Por ser uma aplicação bastante recente, o campo de pesquisa é vastíssimo e, além de ser possível visualizar em outras narrativas situações como a presentemente trabalhada, pode-se explorar os diversos outros conceitos abordados por essa corrente, de modo a alcançar um grande número de novas interpretações mesmo para textos literários já bastante visitados.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

NEVES, Elsa Santos. Tudo o que você gostaria de saber sobre Lacan e ousou perguntar a Slavoj Žižek: Psicanálise e Cinema. **Estudos de Psicanálise**. Rio de Janeiro, n.28, set., 2005. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n28/n28a04.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2011.

ROSENBAUM, Yudith. **Clarice Lispector**. São Paulo: Publifolha, 2002. (Folha Explica)

SILVA, Marisa Corrêa. Materialismo Lacaniano. In: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3ªed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2009. p. 211-216.

ŽIŽEK, Slavoj. **Como Ler Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. **Bem-vindo ao deserto do Real!**: cinco ensaios sobre o 11 de Setembro e datas relacionadas. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003. (Estado de Sítio)

ŽIŽEK, Slavoj e DALY, Glyn. **Arriscar o Impossível: Conversas com Žižek**. São Paulo: Martins, 2006.